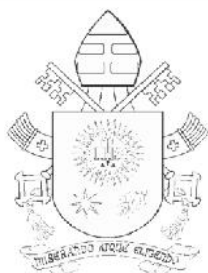


MOVIMENTO DOS CURSILHOS DE CRISTANDADE SECRETARIADO DIOCESANO DE VISEU



JORNAL DA ESCOLA



CARTA ENCÍCLICA
LUMEN FIDEI
DO SUMO PONTÍFICE
FRANCISCO
AOS BISPOS
AOS PRESBÍTEROS E AOS DIÁCONOS
ÀS PESSOAS CONSAGRADAS
E A TODOS OS FIEIS LEIGOS SOBRE A
FÉ

RESUMO DOS CAPÍTULOS RESTANTES

CAPÍTULO II

**SE NÃO ACREDITARDES,
NÃO COMPREENDEREIS**
(cf. *Is 7, 9*)

Fé e Verdade: Se não acreditardes, não compreendereis (*Is 7,9*).

Apavorado com a força dos seus inimigos, o rei busca a segurança que lhe pode vir de uma aliança com o grande império da Assíria; mas o profeta convida-o a confiar apenas na verdadeira rocha que não vacila: o Deus de Israel. Uma vez que Deus é fiável, é razoável ter fé n'Ele, construir a própria segurança sobre a sua Palavra. Santo Agostinho, nas suas *Confissões*, quando fala da verdade em que se pode confiar para conseguirmos ficar de pé: «*Estarei firme e consolidar-me-ei em Ti, (...) na tua verdade*».

O homem precisa de conhecimento, precisa de verdade, porque sem ela não se mantém de pé, não caminha. **Sem verdade, a fé não salva, não torna seguros os nossos passos.**

A verdade na cultura contemporânea:

Hoje tende-se a aceitar como verdade apenas a da tecnologia: que dá como verdade o que o homem consegue construir e medir com a ciência. Considerando verdadeiro porque funciona. O que torna a vida mais cómoda e aprazível. Enquanto que a verdade grande, aquela que explica o conjunto da vida pessoal e social, é vista com suspeita. A busca da verdade é uma questão de memória profunda, porque visa algo que nos precede e, desta forma, pode conseguir unir-nos para além do nosso «eu» pequeno e limitado. A busca da verdade é uma questão relativa à origem de tudo, em cuja luz se pode ver a meta e o sentido da estrada comum.

Conhecimento da verdade e amor: Na fé cristã: «*acredita-se com o coração*» (*Rm 10,10*). O coração é o centro do homem onde se entrecruzam todas as suas dimensões: o corpo e o espírito, a interioridade da pessoa e a sua abertura ao mundo e aos outros, a inteligência, a vontade, a afetividade. O coração pode manter unidas estas dimensões, porque é o lugar onde nos abrimos à verdade e ao amor, deixando que nos toquem e transformem profundamente. A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor; é neste entrelaçamento da fé com o amor que se compreende a forma de conhecimento própria da fé, a sua força de convicção, a sua capacidade de iluminar os nossos passos. A compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade.

O amor surge hoje como uma experiência ligada ao mundo inconstante dos sentimentos. O amor

está ligado à nossa afetividade para se abrir à pessoa amada, a fim de construir uma relação duradoura. O amor visa a união com a pessoa amada. E aqui se manifesta em que sentido o amor tem necessidade da verdade: apenas na medida em que o amor estiver fundado na verdade é que pode perdurar no tempo, superar o instante efêmero e permanecer firme para sustentar um caminho comum. Sem a verdade, o amor não pode oferecer um vínculo sólido, não consegue libertar o «eu» do seu isolamento. Por outro lado a verdade precisa do amor.

Israel, saboreando o amor com que Deus o escolheu e gerou como povo, compreende a unidade do desígnio divino, desde a origem à realização. Verdade e fidelidade caminham juntas: O Deus verdadeiro e fiel, mantém as suas promessas e permite, compreender o seu desígnio. O conhecimento da fé ilumina o caminho de um povo e o percurso inteiro do mundo criado, desde a origem até à sua consumação.

A fé como escuta e visão: O conhecimento da fé está ligado à aliança de um Deus fiel, que estabelece uma relação de amor com o homem e lhe dirige a Palavra, é apresentado pela Bíblia como escuta, aparece associado com o ouvir. O ouvido atesta a chamada pessoal e a obediência, e também que a verdade se revela no tempo. O conhecimento da fé só se aprende num percurso de seguimento. A escuta ajuda a identificar bem o nexos entre conhecimento e amor. Neste percurso a vista, oferece a visão plena do percurso, permitindo situar-nos no grande projeto de Deus. Sem esta teríamos apenas fragmentos isolados de um conhecimento.

No Evangelho de João, acreditar é simultaneamente ouvir e ver: apresentando a Fé ligada à escuta que é pessoal e que distingue e reconhece a voz do Bom Pastor. Ao mesmo tempo que requer o seguimento: os primeiros discípulos «ouvindo João falar desta maneira, seguiram Jesus» (Jo 1,37). Por outro lado apresenta a fé também ligada à visão dos sinais de Jesus, dos quais precede a fé. Os Judeus depois de verem que Jesus ressuscitou Lázaro, acreditaram n'Ele. Para além de que a fé leva a uma visão mais profunda: «se acreditardes, vereis a glória de Deus» (Jo 11, 40). Acreditar e ver cruzam-se: «Quem crê em Mim (...) crê n'Aquele que Me enviou; e quem Me vê a Mim, vê Aquele que me enviou» (Jo 12, 44-45). Concluindo-se que o ver unido com o ouvir, torna-se seguimento de Cristo.

Jesus – Viu-se e Ouviu-se: Ele é a Palavra que Se fez carne e cuja glória contemplamos. A luz da fé é a luz de um Rosto, no qual se vê o Pai. O conhecimento da fé convida-nos a olhar a verdade que a fé nos descerra – centrada no encontro com Cristo, na contemplação da sua vida. Os apóstolos viram Jesus ressuscitado com os seus olhos e acreditaram, puderam penetrar na profundidade daquilo que viram para confessar o Filho de Deus, sentado à direita do Pai.

A luz do amor, nasce quando somos tocados no coração, recebendo a presença interior do amado. Com a Sua Encarnação, Jesus tocou-nos, e através dos sacramentos, ainda hoje nos toca, transformando o nosso coração – permite-nos reconhecer-Lo e confessá-Lo como Filho de Deus.

O diálogo entre fé e razão: Os primeiros cristãos, movidos pelo desejo de iluminar a realidade inteira a partir do amor de Deus manifestado em Jesus, encontraram no pensamento filosófico do mundo antigo uma passagem decisiva para o Evangelho chegar a todos os povos e favoreceu uma fecunda sinergia entre fé e razão, que se desenvolveu até aos nossos dias. Por exemplo na vida de Stº Agostinho = a sua busca da razão, com o seu desejo de verdade e clareza, aparece integrada no horizonte da fé, do qual recebeu uma nova compreensão. A luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade. Hoje a verdade é reduzida à autenticidade subjetiva do indivíduo, válida apenas para a vida individual. Mas se for a verdade de um amor, chega ao coração, ao centro pessoal de cada homem. Resultando que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro. E o crente, torna-se humilde, porque sabe que é a verdade que nos abraça e possui. A segurança da fé põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos. A luz da fé, não é alheia ao mundo material, porque o amor vive-se com corpo e alma. Iluminando também a matéria, confia na sua ordem, sabe que nela se abre um caminho mais amplo de harmonia e compreensão. A fé convida o cientista a permanecer aberto à realidade, em toda a sua riqueza inesgotável. Desperta o sentido crítico, ajudando a compreender que a natureza sempre ultrapassa as fórmulas já encontradas e, alarga os horizontes da razão para iluminar melhor o mundo que se abre aos estudos da ciência.

A fé e a busca de Deus: A luz da fé em Jesus ilumina também o caminho de todos

aqueles que procuram a Deus. Oferecendo a contribuição própria do cristianismo para o diálogo com os seguidores das diferentes religiões. Na Carta aos Hebreus – testemunho dos justos que, antes da aliança com Abraão, já procuravam a Deus com fé; Henoc «*tinha agradado a Deus*». Deus é luminoso, podendo ser encontrado também por aqueles que O buscam de coração sincero. Temos o exemplo dos magos guiados pela estrela até Belém. A luz de Deus mostrou-se-lhes como caminho, como estrela que os guia ao longo duma estrada a descobrir.

Estando a caminho o homem religioso deve: deixar-se guiar, sair de si mesmo para encontrar o Deus que não cessa de nos surpreender. Deus não absorve o homem com a Sua luz quando este se aproxima d'Ele.

Mas torna a luz do homem mais brilhante quanto mais perto fica do fogo gerador, como um espelho que reflete o resplendor.

A fé tem a ver também com a vida dos homens que, apesar de não acreditar, desejam-no fazer e não cessam de procurar. Na medida em que se abrem, de coração sincero ao amor e se poem a caminho com a luz que conseguem captar. Procuram agir como se Deus existisse, porque reconhecem a sua importância para encontrar diretrizes firmes na vida comum. Porque sentem o desejo de luz no meio da escuridão. E porque notam como é grande e bela a vida, intuem que a presença de Deus ainda a tornaria maior.

Fé e Teologia: Como luz que é, a fé convida-nos a penetrar nela, a explorar sempre mais o horizonte que ilumina, para conhecer melhor o que amamos. Onde nasce a teologia cristã. Esta é impossível sem fé e pertence ao próprio movimento da fé, que procura a compreensão mais profunda da auto-revelação de Deus, culminada no Mistério de Cristo. Deus é o Sujeito que Se dá a conhecer e Se manifesta na relação pessoa a pessoa. A teologia é acolhimento e busca de uma compreensão mais profunda da palavra que Deus nos dirige. É próprio da teologia a humildade, que se deixa “tocar” por Deus, reconhece os seus limites face ao Mistério e se encoraja a explorar, com a disciplina própria da razão, as riquezas insondáveis deste Mistério.

CAPÍTULO III

TRANSMITO-VOS AQUILO QUE RECEBI

(cf. 1 Cor 15, 3)

A Igreja é a mãe da nossa fé: Quem se abriu ao amor de Deus, acolheu a sua voz e recebeu a sua luz, não pode guardar este dom para si mesmo. Sendo escuta e visão, a fé transmite-se também como palavra e como luz. «*Animados do mesmo espírito de fé, conforme o que está escrito: Acreditei e por isso falei, também nós acreditamos e por isso falamos*» (2 Cor 4,13). A palavra recebida faz-se resposta, confissão, e assim ecoa para os outros, convidando-os a crer. «*Brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo*» (2 Cor 4,6). A luz de Jesus brilha no rosto dos cristãos como num espelho, e assim se difunde chegando até nós, para também participar desta visão e a refletirmos para outros. Os cristãos, na sua pobreza, lançam uma semente tão fecunda que se torna uma grande árvore, capaz de encher o mundo de frutos. O rosto de Jesus chega-nos hoje através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos.

Se o homem fosse um indivíduo isolado, não podia por si só ver aquilo que aconteceu numa época distante de si. A pessoa vive sempre em relação: provem de outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros. O próprio conhecimento e consciência de nós mesmos são de tipo relacional e estão ligados a outros que nos precederam, (os nossos pais). E as palavras com que interpretamos a nossa vida e a realidade, chegam-nos através dos outros. **O mesmo acontece com a fé;** o passado da fé, aquele ato de amor de Jesus que gerou no mundo uma vida nova, chega-nos pela memória de outros, das testemunhas – é guardado na Igreja, Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé. O amor, que é o Espírito e que habita na Igreja, mantém unidos entre si todos os tempos, tornando-se o guia do nosso caminho na fé. É impossível crer sozinhos. A fé, por sua natureza, abre-se ao «nós», verifica-se sempre dentro da comunhão da Igreja. No batismo, o crer exprime-se como resposta a um convite, que é escutado e insere-se no interior de um diálogo. Só é possível responder «creio» na primeira pessoa porque se pertence a uma comunhão grande, dizendo também «cremos». O Espírito é também um «nós», uma comunhão de pessoas.

Os Sacramentos e a transmissão da fé: Como em todas as famílias, a Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória. Como é que faz, de modo a aprofundar cada vez mais na herança da fé?

É através da Tradição Apostólica, conservada na Igreja com a assistência do Espírito Santo. Concílio Vaticano II- *“aquilo que foi transmitido pelos apóstolos abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita”*. O que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros.

SACRAMENTOS celebrados na liturgia da Igreja: São o meio especial que envolvem a pessoa toda: corpo e espírito, interioridade e relações. Comunicam uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida.

A pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias.

São os sacramentos da fé. *«Pelo **batismo** fomos sepultados com Cristo na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova»* (Rm 6,4). Pelo batismo tornámo-nos novas criaturas e filhos adotivos de Deus. Sendo o cristão confiado a uma forma de ensino: no batismo o homem recebe também uma doutrina que deve professar e uma forma concreta de vida que requer o envolvimento de toda a sua pessoa, encaminhando-a para o bem. Recorda-nos que a fé não é obra do indivíduo isolado, este tem de ser recebido, entrando na comunhão eclesial que transmite o dom de Deus: ninguém se batiza a si mesmo. A ação de Cristo toca-nos na nossa realidade pessoal, transformando-nos radicalmente, tornando-nos filhos adotivos de Deus, participantes da natureza divina; e assim modifica todas as nossas relações, a nossa situação concreta na terra e no universo, abrindo-as à própria vida de comunhão com Ele. Reforça a importância do catecumenato – o itinerário de preparação para o batismo. As crianças não são capazes de um ato livre que acolha a fé; não a podem confessar sozinhas, por isso, é confessada pelos seus pais e padrinhos em nome dela. É acolhida na fé deles simbolizada na vela que o pai acende.

A Eucaristia. É nela que a natureza sacramental da fé encontra a sua máxima expressão. A Eucaristia é o alimento precioso da fé e é o encontro com Cristo presente de maneira real no seu ato supremo de amor: o dom de Si mesmo

que gera vida. Possui dois eixos sobre os quais a fé percorre o seu caminho: O da história, em que faz memória, atualização do mistério, em que o passado mostra a sua capacidade de se abrir ao futuro, de antecipar a plenitude final. E o que conduz do mundo visível ao invisível:, aprendemos a ver a profundidade do real. O pão e o vinho transformam-se no Corpo e Sangue de Cristo, que Se faz presente no seu caminho pascal para o Pai.

Na celebração dos Sacramentos a Igreja transmite a sua memória, pela profissão de fé presta assentimento a um conjunto de verdades e faz a vida toda entrar na comunhão plena com o Deus Vivo.

No CREDO, o fiel é convidado a entrar no mistério que professa e a deixar-se transformar por aquilo que confessa. Sente-se implicado e torna-se parte de uma grande comunhão: a Igreja. O Credo tem uma estrutura trinitária: O Pai e o Filho unem-Se no Espírito de amor, centro do ser, o segredo mais profundo de todas as coisas é a comunhão divina. E contém uma confissão cristológica, repassam-se os mistérios da vida de Jesus até à sua morte, ressurreição e ascensão ao Céu, na esperança da sua vinda final na glória.

Fé, Oração e Decálogo: São dois elementos essenciais na transmissão fiel da memória da Igreja. Na Oração do Senhor - o Pai Nosso, o cristão aprende a partilhar a própria experiência espiritual de Cristo e começa a ver com os olhos d' Ele. À luz da fé a ligação entre a fé e o Decálogo, da entrega total ao Deus que salva, o decálogo adquire a sua verdade mais profunda, contida nas palavras que introduzem os Dez Mandamentos.

O decálogo é um conjunto de indicações concretas para sair do deserto do “eu” e entrar em diálogo com Deus, deixando-se abraçar pela sua misericórdia a fim de a irradiar. É o caminho da gratidão, da resposta de amor, possível na fé porque nos abrimos à experiência do amor de Deus que nos transforma.

A Unidade e a integridade da fé: A unidade da Igreja, no tempo e no espaço, está ligada com a unidade da fé: *«Há um só Corpo e um só Espírito, (...) uma só fé»* (Ef 4,4-5). O amor verdadeiro à medida do amor divino, exige a verdade e, no olhar comum da verdade que é Jesus Cristo, torna-se firme e profundo. A alegria da fé: a unidade de visão num só corpo e num só espírito.

A fé é una: 1º pela unidade de Deus conhecido e confessado. Todos os artigos de fé se referem a Ele, são caminhos para conhecer o seu ser e o seu

agir. 2º porque se dirige ao único Senhor, à vida de Jesus, à história concreta que Ele partilha conosco. E em 3º porque é partilhada por toda a Igreja, que é um só corpo e um só Espírito. Confessando a mesma Fé: apoiamo-nos sobre a mesma rocha e, somos transformados pelo mesmo Espírito de amor, irradiamos uma única luz e temos um único olhar para penetrar na realidade. Sendo uma só a fé deve-se confessar em toda a sua pureza e integridade. Todos os artigos da fé estão ligados, negar um deles - equivale a danificar o todo. Sendo a unidade da fé a unidade da Igreja, tirar algo à fé é fazê-lo à verdade da comunhão. A integridade da fé foi associada também com a imagem da Igreja virgem, com o seu amor esponsal fiel a Cristo: danificar a fé significa danificar a comunhão com o Senhor. Sucessão Apostólica, está ao serviço à unidade da fé e à sua transmissão íntegra. Por seu intermédio fica garantida a continuidade da memória da Igreja, e é possível beber, na fonte pura donde surge a fé. A ligação com a origem é-nos dada por pessoas vivas, o que equivale à fé viva que a Igreja transmite. Assenta sobre a fidelidade das testemunhas que foram escolhidas pelo Senhor para esta tarefa. O magistério entrega-se à Palavra que escuta, guarda e expõe.

CAPÍTULO IV

DEUS PREPARA PARA ELES UMA CIDADE

(cf. Heb 11, 16)

A fé e o bem comum: A fé não é apenas um caminho, mas também é uma edificação, preparação de um lugar onde os homens possam habitar uns com os outros. O 1º construtor é Noé, na arca consegue salvar a sua família e o 2º construtor é Abraão, habitava em tendas, esperava a cidade de alicerces firmes. A firmeza da fé também é a cidade que Deus está a preparar para o homem. A fé revela quão firmes podem ser os vínculos entre os homens, quando Deus Se torna presente no meio deles. A fé ilumina as relações entre os homens, porque nasce do amor e segue a dinâmica do amor de Deus. O Deus fiável dá aos homens uma cidade fiável. A luz da fé coloca-se ao serviço concreto da justiça, do direito e da paz, e é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum. Sem um amor fiável, não era

possível manter a unidade entre os homens, unidos sobre a beleza de viverem juntos, e a alegria que a simples presença do outro pode gerar. A fé torna-se um serviço ao bem comum. A luz da fé não ilumina apenas o âmbito da Igreja, nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança.

A fé e a família: O texto (Heb 11,20-21) alude à bênção que se transmite dos pais aos filhos, no caminho de Abraão para a cidade futura. O 1º âmbito da cidade dos homens iluminado pela fé é a família. A união estável do homem e da mulher no matrimónio, nasce do seu amor, sinal e presença do amor de Deus e reconhecimento e aceitação do bem que é a diferença sexual. Fundados no amor, o homem e a mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira. A fé pode ajudar a individuar em toda a sua profundidade e riqueza a geração dos filhos, reconhecendo o amor criador que nos dá e nos entrega o mistério de uma nova pessoa. Em família a fé acompanha todas as idades da vida. As crianças aprendem a confiar no amor de seus pais. Pelo que é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, acompanhem o amadurecimento da fé dos filhos. No que se refere aos jovens, estes devem sentir a proximidade e a atenção da família e da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento da fé. Nas jornadas mundiais, mostraram a alegria da fé, o compromisso de viver uma fé cada vez mais sólida e generosa. Os jovens têm o desejo de uma vida grande; o encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude.

Uma luz para a vida em sociedade: A fé torna-se luz para iluminar todas as relações sociais. Como experiência da paternidade e da misericórdia de Deus, dilata-se depois em caminho fraterno. Deus chama Abraão, prometendo fazer dele uma única e grande nação, um grande povo, sobre o qual repousa a Bênção divina. Com o avançar da história da salvação, o homem descobre que Deus quer fazer a todos participar como irmãos da única bênção, que tem a plenitude em Jesus, para que todos se tornem um só.

A fé ensina-nos a ver que, em cada homem, há uma bênção para mim, que a luz do rosto de Deus me ilumina através do rosto do irmão. Pela

fé compreendemos a dignidade única de cada pessoa. No centro da fé bíblica há o amor de Deus, o seu cuidado concreto por cada pessoa, o seu desejo de salvação que abraça toda a humanidade e a criação inteira que atinge o clímax na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A Fé ao revelar-nos o amor de Deus Criador, faz-nos olhar com maior respeito para a natureza. Ajuda-nos a encontrar modelos de progresso. Ensina-nos a individuar formas justas de governo, reconhecendo que a autoridade vem de Deus para estar ao serviço do bem comum. Afirma a possibilidade do perdão, que requer tempo, canseira, paciência e empenho. Possível quando se descobre que o bem é sempre mais originário e mais forte que o mal.

Uma força consoladora no sofrimento:

«eu tinha confiança, mesmo quando disse: “A minha aflição é muito grande”» (Sal 116, 10) É na fraqueza e no sofrimento que sobressai e se descobre o poder de Deus que supera a nossa fraqueza e o nosso sofrimento. Na hora da prova, a fé ilumina-nos. É no sofrimento e na fraqueza que se torna claro como *“não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor”* (2 Cor 4,5) Na contemplação da união de Jesus com o Pai, no momento de maior sofrimento – na cruz – o cristão aprende a participar no olhar próprio de Jesus. A morte também fica iluminada, podendo ser vivida como a última chamada da fé, o último *«saí da tua terra»*, o último *«Vem!»*

A Luz da Fé não nos faz esquecer os sofrimentos do mundo. Os que sofrem são tantas vezes mediadores para tantos homens e mulheres de fé. O leproso para S. Francisco de Assis; os pobres para a Beata Teresa de Calcutá. A fé não dissipa todas as nossas trevas, mas guia os nossos passos. Ao homem que sofre, Deus oferece a sua resposta sob a forma duma presença que o acompanha. Em Cristo, Deus quis partilhar connosco esta estrada e oferece-nos o seu olhar para nela vermos a luz. O sofrimento recorda-nos que o serviço da fé ao bem comum é sempre serviço de esperança que nos faz olhar em frente. Só a partir de Deus, do futuro que vem de Jesus ressuscitado, é que a nossa sociedade pode encontrar alicerces sólidos e duradouros.

FELIZ DAQUELA QUE ACREDITOU

(Lc1,45)

«Terra boa»: *«São aqueles que, tendo ouvido a palavra com um coração bom e virtuoso, conservam-na e dão fruto com a sua perseverança»* (Lc 8,15). Retrata a fé da Virgem Maria.

Conservava no coração tudo aquilo que ouvia e via, de modo que a Palavra produzisse fruto na sua vida.

É ícone perfeito da fé: *«Feliz de ti que acreditaste»* (Lc 1, 45). Nela se cumpre a longa história de fé do Antigo Testamento.

Na plenitude dos tempos, a Palavra de Deus dirigiu-se a Maria, e Ela acolheu-a com todo o seu ser, no seu coração, para que n'Ela tomasse carne e nascesse como luz para os homens.

No seu Sim, concebeu *«fé e alegria»*.

Na Mãe de Jesus, a fé mostrou-se cheia de fruto – enche de alegria. A alegria é o sinal mais claro da grandeza da fé.

Maria realizou a peregrinação da fé seguindo o seu Filho, deixou-se transformar por Ele, entrando no olhar próprio do Filho de Deus encarnado.

Pelo seu vínculo com Jesus, Maria está intimamente associada com aquilo em que acreditamos.

Na conceção virginal de Maria, temos a filiação divina de Cristo: Filho único de Deus, por isso nasce no tempo sem intervenção do homem.

Jesus pode trazer ao mundo um novo início e uma nova luz, a plenitude do amor fiel de Deus que Se entrega aos homens.

A maternidade de Maria garantiu, ao Filho de Deus, uma verdadeira história humana, uma verdadeira carne na qual morrerá na cruz e ressuscitará dos mortos.

Maria acompanha-O até à cruz, donde a sua maternidade se estende a todo o discípulo de seu Filho.

Maria está presente no cenáculo, depois da ressurreição e ascensão de Jesus, para implorar com os apóstolos o dom do Espírito Santo.

No centro da fé, encontra-se a confissão de Jesus, Filho de Deus, nascido de mulher, que nos introduz, pelo dom do Espírito Santo, na filiação adotiva.

(Tema resumido e apresentado pelo Senhor Padre

José António Almeida)

*A Maria, Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé,
nos dirigimos, rezando-Lhe:*

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.

*Abri o nosso ouvido à Palavra, para
reconhecemos a voz de Deus e a sua chamada.*

*Despertai em nós o desejo de seguir os seus
passos, saindo da nossa terra e acolhendo a
sua promessa.*

*Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor,
para podermos tocá-Lo com a fé.*

*Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a
crer no seu amor, sobretudo nos momentos de
tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada
a amadurecer.*

Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.

Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.

*Ensinaí-nos a ver com os olhos de Jesus, para
que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta
luz da fé cresça sempre em nós até chegar
aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo,
vosso Filho, nosso Senhor.*

O Papa Francisco escreve carta a um jornal anticlerical para explicar dúvidas sobre a fé

O jornal italiano "La Repubblica" publicou nesta quarta-feira (11-09-2013), uma longa carta escrita pelo Papa Francisco em resposta a algumas dúvidas sobre a fé expostas durante neste verão por Eugenio Scalfari, um famoso jornalista conhecido por sua posição anticlerical. Em dois artigos publicados em 7 de julho e em 7 de agosto deste ano, Scalfari fundador de "La Repubblica", faz uma série de perguntas ao Pontífice sobre a Encíclica Lumen Fidei (A luz da fé), questões da fé e da vida cristã.

"Agradeço-lhe acima de tudo pela atenção com a que quis ler a Encíclica Lumen Fidei. Esta, em efeito, na intenção do meu amado predecessor, Bento XVI, que a concebeu e em longa medida redigiu, e da qual, com gratidão, herdei, está dirigida não somente a confirmar na fé em Jesus Cristo aqueles que já a professam, mas também a suscitar um diálogo sincero e rigoroso com quem, como o senhor, se define 'como um não crente que há muitos anos está fascinado e interessado pela pregação de Jesus de Nazaré'", escreve o Papa em sua carta, publicada em 11 de setembro com o título – estabelecido pelo jornal- "A verdade nunca é absoluta".

"A fé para mim – continuou Francisco -, nasceu do encontro com Jesus. Um encontro pessoal, que tocou o meu coração e deu um sentido e uma direção novos a minha existência. Mas ao mesmo tempo um encontro que foi possível somente graças à comunidade de fé em que vivi e graças a qual encontrei o acesso à inteligência da Sagrada Escritura, à vida nova que como água viva sai de Jesus através dos Sacramentos, à fraternidade com todos a serviço dos pobres, imagem mesma do Senhor".

"Sem a Igreja – acredite em mim -, não poderia ter encontrado Jesus, embora com a consciência de que aquele imenso dom que é a fé está guardado nos frágeis vasos de barro da nossa humanidade", acrescenta.

"Agora, é justamente a partir daqui, desta experiência pessoal de fé vivida na Igreja, em que é um prazer escutar suas perguntas e procurar, junto com você, os caminhos pelos quais possamos, talvez, começar a percorrer juntos. Perdoe-me se não sigo passo por passo as argumentações que me propõe na edição de 7 de julho. Parece-me melhor ir direto ao coração de suas considerações".

Em resposta às perguntas sobre "Como se comporta a Igreja com aqueles que não

compartilham a fé em Jesus e se o Deus dos cristãos perdoa a quem não crê e não procura a fé?", o Papa explica que *"devemos levar em consideração -e isso é algo fundamental- que a misericórdia de Deus não tem limites se nos dirigimos a Ele com o coração sincero e arrependido, a questão para quem não crê em Deus está em obedecer a sua própria consciência. O pecado, inclusive para os que não têm fé, comete-se quando se vai contra a consciência. Escutá-la e obedecê-la significa decidir ante o que se percebe como o bem ou como o mal. E sobre esta decisão se joga a bondade ou a maldade de como atuamos".*

Sobre o tema de se é erro ou pecado acreditar que não existe "um absoluto" nenhuma verdade absoluta o Papa escreve: *"A verdade, segundo a fé cristã, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo e, portanto a verdade é uma relação. Cada um recebe a verdade e a expressa a partir de si mesmo, de sua história, de sua cultura e da situação onde vive".*

Por outro lado, à última pergunta sobre se "com o desaparecimento do homem da terra, desaparecerá também o pensamento capaz de pensar em Deus", Francisco responde que *"a grandeza do homem é poder pensar em Deus. Isto significa viver uma relação consciente e responsável com ele. Mas a relação é entre duas realidades".*

"Deus não depende de nosso pensamento... quando a vida do homem terminar sobre a terra... o homem não terminará de existir e, de uma forma que não sabemos, tampouco o universo criado com ele".

Francisco se despede recordando a Scalfari que, *"a Igreja, apesar de toda sua lentidão, dos erros, das infidelidades e dos pecados que tenha cometido e que ainda possam cometer os que a compõem, não tem outro significado nem outro propósito que o de viver e dar testemunho de Jesus".*

